

A Formação do Novo Testamento

© 2018 – Pinheiro Martins

A Formação do Novo Testamento

Pinheiro Martins

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-424-9
2ª Edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Martins, Pinheiro

A Formação do Novo Testamento : uma síntese para leigos / Pinheiro Martins – 2ª ed. rev. e aument. ; Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.
146 p.

ISBN 978-85-7618-424-9

1. Bíblia. N.T. Evangelhos – Crítica, interpretação etc.
2. Bíblia e espiritismo I. Título

18-0416

CDD – 133

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia. N. T. Evangelhos

Pinheiro Martins

A FORMAÇÃO
DO NOVO TESTAMENTO
Uma síntese para leigos

Nova edição, revista e aumentada

2ª edição – 2018



Diz Jesus:

Tudo o que não está diante de tua vista e o que te está oculto, te será revelado. Pois não há coisa oculta que não venha a aparecer; e sepultada que não se desenterre.

Evangelho de Tomé, logion 5 (*Oxyrhynchus Papyrus*, 654).

Sumário

Apresentação	9
Introdução à 2ª edição, revista e ampliada	11
Capítulo I – Os supostos autores.....	14
Capítulo II – Como escreviam e como liam.....	33
Capítulo III – O idioma	44
Capítulo IV – Influência dos gêneros filosóficos gregos nos textos do novo testamento	54
Capítulo V – A cronologia dos documentos.....	68
Capítulo VI – A formação do cânone.....	76
Capítulo VII – Algumas considerações sobre a literatura apócrifa	95
Capítulo VIII – Ocultação e destruição de textos.....	107
Capítulo IX – Alterações nos textos	115
Apêndice I – Sobre um antigo evangelho em aramaico	130
Apêndice II – Quadro sintético da evolução do cânone do novo testamento	133
Apêndice III – Tábua cronológica.....	138
Bibliografia	142
Anexo I – Os quatro evangelhos foram adulterados.....	147
Anexo II – O escriba de cesaréa	150

Apresentação

Todos os que se interessam pelas relações entre o Cristianismo primitivo e a Doutrina Espírita, chamada de Cristianismo Redivivo pelos Espíritos Superiores que orientam o movimento espírita no Brasil, hão de ter recebido com alegria e mesmo com emoção a notícia das descobertas arqueológicas que, desde algumas décadas, têm feito estremecer os pilares dos estudos bíblicos, especialmente os relativos ao “Novo Testamento”.

Até o momento em que os “Manuscritos do Mar Morto” e os documentos da “biblioteca” de Nag Hammadi começaram a ser conhecidos, primeiro pelos eruditos e depois por todo o mundo culto, os esforços dos estudiosos se ressentiam da falta de fontes não contaminadas pela manipulação, ingênua ou maliciosa dos detentores do poder religioso naqueles tempos remotos.

Com os novos documentos, mantidos intocados durante dezessete séculos, graças certamente à prudência de homens convictos do seu valor, mas também pelos cuidados e pela sabedoria dos Espíritos que velam pela evolução da Humanidade, uma nova moldura e detalhes mais precisos nos ajudam a apreciar a paisagem religiosa e social em que afloraram a mensagem renovadora do Evangelho e a figura ímpar de Jesus de Nazaré.

Expressões e conceitos, alguns que alimentaram, durante séculos, malabarismos teológicos para sua suposta interpretação e outros que permaneciam enigmáticos, sem a chave necessária à sua decifração, começam a encontrar seu lugar no contexto da vida real, dos entrecosques das correntes de pensamento que agitavam não somente a pequena Palestina, mas todo o mundo civilizado de então. Começam a assumir a sua dimensão verdadeira e iluminam então uma visão do mundo que mais e mais se assemelha àquela que, ressalvada a forma literária apropriada à época é a visão passada pela Doutrina Espírita. Esta se apresenta, cada vez com mais nitidez, como a Revivescência do Cristianismo.

Esta é a vertente à qual pertence este trabalho. A sua publicação intenta trazer aos estudiosos espíritas uma contribuição valiosa para que a verdadeira imagem do Cristianismo seja conhecida, despida dos enfeites místicos herdados, malgrado nosso, das religiões tradicionais. Muito se colherá, temos certeza, deste campo de estudos; ele é mais um dos instrumentos da renovação das estruturas religiosas que marca claramente este fim de ciclo.

Quanto ao autor, o nosso companheiro Sebastião Pinheiro Martins, com apenas 25 anos, mereceu de Hermínio C. Miranda, pioneiro da divulgação destes assuntos entre os espíritas brasileiros, a qualificação, que pedimos vênua para publicar, de "... pessoa que tem o que dizer e sabe fazê-lo."

Mauro Operti

Introdução à 2ª edição, revista e ampliada

O objetivo deste livro, como o seu próprio título indica, é o de oferecer uma síntese, um resumo da história processo de elaboração da coletânea de textos básicos da doutrina cristã, que hoje denominamos “Novo Testamento”.

A idéia de elaborar este livro me surgiu há mais de duas décadas, após um período de estudos e investigações sobre a Bíblia, o qual se iniciara, por sua vez, quando recebi de minha mãe meu primeiro exemplar do Novo Testamento. Tratava-se da versão protestante conhecida como “O mais importante é o Amor”, bastante difundida, na época. Li com um misto de apreensão e sede de conhecimento transcendente aquele volume repleto de severas exortações e ameaças à humanidade pecadora, indigna de receber o Amor de Deus, mas ainda assim agraciada com o sacrifício libertador de seu Filho. Logo a seguir busquei, na biblioteca da escola municipal em que estudava, um exemplar completo da Bíblia (desta vez uma versão católica, da Editora “Ave Maria”), em busca de aprofundamento nesse estudo.

Entretanto, a leitura das Escrituras Sagradas me trouxe mais perguntas do que respostas. Pregavam padres e pastores que Jesus era o próprio Deus encarnado, mas descobri que nenhum livro profético do Velho Testamento proclamava

o advento de uma encarnação divina, ao estilo dos avatares preconizados pelos hinduístas. O Messias era retratado como Filho de Deus sim, tal como os próprios profetas e reis de Israel também o eram, mas não como “Deus feito carne”. A única passagem do Novo Testamento que, supostamente, retrata Jesus dessa forma mostrou ser fruto de um erro de copistas. O leitor lerá mais a respeito desse fato neste livro.

Outros fatos me intrigavam. Por exemplo: se o Novo Testamento foi praticamente escrito pelo próprio Espírito Santo (que é a maneira como os pregadores traduzem para seu público o conceito teológico de “Escritura divinamente inspirada”), então porque foi necessário escrever quatro narrativas evangélicas diferentes e, muitas vezes, incoerentes umas com as outras? Só vamos citar um exemplo: “o sermão da montanha” registrado por Mateus foi, na verdade, segundo Lucas, proferido numa planície (Lucas VI, 17ss; Mateus V, 1ss). Claro, o mais importante aqui, que é o sentido ético do sermão (onde quer que tenha sido proferido) não parece diferir nas duas versões, mas o simples fato de dois evangelistas estarem em desacordo quanto a um dado factual tão elementar já revela que, no mínimo, o texto não foi “escrito por Deus”, como se costuma dizer. Se Deus tivesse escrito realmente o Novo Testamento (sem interferências humanas para complicar as coisas), um único e perfeito evangelho teria bastado, não quatro.

Por isso resolvi escrever, há mais de vinte anos atrás, um livrinho expondo ao público, da forma mais singela e objetiva possível, as adulterações sofridas pela Boa Nova no seu processo de transmissão através dos séculos. Tendo se esgotado a primeira edição, recebi seguidos pedidos e estímulos para publicar uma segunda.

Depois de tanto tempo, obviamente, não poderia publicar o mesmo texto de duas décadas atrás. De lá pra cá, a bibliografia sobre o tema se ampliou, assim como o interesse e o conhecimento do público estudioso da Bíblia. Por isso, faz-se necessário que esta seja uma edição revista e ampliada. Assim, acrescentei novos capítulos, notas e apêndices, além de ampliar alguns dos capítulos preexistentes com novos parágrafos (enquanto, às vezes, eliminava outros), e acrescentava novas seções. Ainda assim, continua sendo uma obra sintética, voltada principalmente para o público leigo. Muitos torcerão o nariz denunciando seu caráter “popular” e “didático”, como se isto fosse um defeito, mas estarão chovendo no molhado, pois não pretendemos aqui outra coisa mesmo.

Trata-se aqui, de uma história, em certos momentos, um tanto quanto conturbada, com episódios de incineração de manuscritos, de traduções deformantes, de acréscimos de palavras, frases e até capítulos inteiros a textos que, na verdade, dispensariam estes acréscimos. Sem contar, claro, as falsificações de cartas do apóstolo Paulo. Devido a tantos detalhes deprimentes, ainda mais em se tratando da composição de textos evangélicos, esforçamo-nos em não sacrificar o leitor com narrativas pormenorizadas. Optamos, assim, por um texto sucinto e direto.

Optamos também, aliás, por uma introdução sucinta e direta. Passemos logo, portanto, ao livro em si.

Capítulo I

Os supostos autores

A história da transmissão de um texto é sempre a dos homens que sobre ele trabalharam. De uma maneira mais flagrante, a história da transmissão dos dados recolhidos pela devoção popular, acerca da vida, da paixão e da morte de Jesus, não é mais do que a história das gerações cristãs dos primeiros séculos.

Ambrogio Donini^[1]

Quem quer que, alguma vez, tenha folheado o Novo Testamento, deve ter percebido que os evangelhos são intitulados da seguinte forma: “Evangelho SEGUNDO São Mateus”, “Evangelho SEGUNDO São Marcos”, “Evangelho SEGUNDO São Lucas”, “Evangelho SEGUNDO São João” (os grifos são nossos). Esses títulos parecem nos sugerir que os evangelhos foram escritos – pelo menos na forma que têm hoje – não diretamente por Mateus, Marcos, Lucas e João, mas por outras pessoas, que se basearam nos depoimentos e anotações desses evangelistas.

Um fato importante deve ser considerado quando tratamos desse assunto delicado que é a redação dos textos originais dos evangelhos: os apóstolos e demais discípulos do Cris-

[1] DONINI, Ambrógio. *História do Cristianismo: das origens a Justiniano*. Lisboa, Edições 70, 1988, p. 66.

to eram, em sua maior parte, pescadores e camponeses analfabetos, pois a grande maioria da população, naquela época, não tinha acesso à instrução. No livro “Atos dos Apóstolos”, vemos que Pedro e João eram, reconhecidamente, “homens sem estudos e sem instrução” (Atos IV, 13).^[2] Os cristãos da Idade Média aparentemente tinham consciência do que isso significava, pois um manuscrito do Século XI, O “Lecionário dos Evangelhos”, conservado na Biblioteca Pierpont Morgan, em Nova York, tem na primeira página do “Evangelho Segundo João” uma ilustração que mostra o apóstolo ditando o texto a um rapaz, que o anota.^[3]

Uma carta escrita por Jesus?

Já de início, surgiria a questão de se saber se o próprio Jesus não teria deixado algo escrito. Hoje, entretanto, se tem por certo que Jesus nada escreveu do próprio punho (da mesma forma como outros grandes mestres, tais como Sócrates e Buda). Curiosamente, entretanto, nos primeiros séculos da Igreja acreditava-se ainda na existência de algum documento redigido pelo próprio Cristo. O bispo Eusébio de Cesaréia (c. 260 – c. 339), autor do mais antigo compêndio de história da Igreja a chegar integralmente até nós, narra um episódio interessante envolvendo uma suposta correspondência entre Jesus e o rei de Edessa,^[4] Abgar,^[5] o Negro.

Conta Eusébio que o dito rei Abgar, contemporâneo de

[2] A tradução da Bíblia que utilizamos é a do Centro Bíblico de São Paulo, mediante a versão dos Monges de Maredsous, religiosos beneditinos da Bélgica, que se basearam nos originais em hebraico, aramaico e grego: *Bíblia Sagrada*, 58ª edição, São Paulo, Editora Ave Maria, 1987. Também consultamos a versão de João Ferreira de Almeida, bem como a da Liga Bíblica Mundial, publicada sob o título *O Mais Importante é O Amor* (edição especial para as escolas do Estado do Rio de Janeiro).

[3] LASSUS, Jean. *Cristandade Clássica e Bizantina*. Rio de Janeiro, José Olímpio/Expressão e Cultura, 1978 (Coleção O Mundo da Arte), p. 140.

[4] Hoje Urfa, na Turquia, perto da fronteira com a Síria

[5] Nome que também é grafado ora como Abgaro, ora como Abgarus.

Jesus sofria de moléstia incurável que o fazia padecer muitas dores. Tendo ouvido falar dos milagres promovidos pelo Cristo, que efetuava muitas curas consideradas impossíveis pelos meios humanos, o rei enviou então uma carta pedindo a Jesus que intervisse a seu favor, sanando-o de seus males. E, ainda, sabendo que Ele era hostilizado por líderes religiosos judaicos que conspiravam para matá-lo, Abgar também convidava Jesus a vir se refugiar e se instalar em seu reino, para evitar as perseguições movidas pelo sacerdócio de Jerusalém. Mas Jesus não o atendeu de imediato, porém, segundo as palavras de Eusébio, “fez-lhe a honra de uma carta de próprio punho e letra [sic!] na qual prometia enviar-lhe um de seus discípulos que o curaria da enfermidade”.^[6]

Afirma ainda Eusébio que tais fatos foram documentados nos arquivos de Edessa, inclusive com registro da carta de Abgar e da resposta de Jesus, que ele copiou de uma tradução tirada dos originais em siríaco. A cópia da carta de Jesus, que nos é transmitida por Eusébio, é a seguinte:

Resposta de Jesus a Abgaro, Toparca, por meio do mensageiro Ananias.

“Bem-aventurado tu, que creste em mim sem ter me visto. Porque de mim está escrito que *os que me virem não crerão em mim, e que aqueles que não me virem crerão e terão vida*. Mas, acerca do que me escreves de ir para junto de ti, é necessário que eu cumpra aqui por inteiro minha missão e que, depois de havê-la consumado, suba novamente ao que me enviou. Quando tiver subido, te mandarei algum de meus discípulos, que sanará tua doença e trará a vida a ti e aos teus”.^[7]

E não se tardou a cumprir-se a promessa. Depois da cruci-

[6] EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História da Igreja*. I, 13, 3 (os números de referência aqui significam: Livro primeiro, capítulo 13, parágrafo terceiro da obra de Eusébio)

[7] EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História da Igreja*. I, 13, 10.

ficação de Jesus, o apóstolo Tomé assumiu a responsabilidade pela evangelização da Síria (onde então se localizava Edessa, embora hoje esteja em posse da Turquia) e de regiões adjacentes. Enviou primeiro à corte do rei Abgar como missionário Tadeu, um dos célebres primeiros setenta discípulos. Em Edessa, Tadeu logrou não apenas curar e converter Abgar, mas também muitas outras pessoas da corte e também do povo simples.^[8] Em seguida, o próprio apóstolo Tomé foi pregar naquele reino, que se tornou um dos primeiros do mundo a converter-se ao Cristianismo. E diz também a tradição que o rei Abgar foi dos primeiros a ter a honra de manter a guarda do sudário que envolveu Jesus até sua ressurreição.

Uma história sem dúvida muito bonita e interessante: imagine o prezado leitor, termos uma carta escrita pelo próprio Jesus, como documento histórico de sua real existência! Infelizmente, o original da suposta epístola se perdeu, restando-nos apenas a versão reproduzida pelo bispo Eusébio. E, como se não bastasse, são os próprios teólogos cristãos (além de historiadores acadêmicos) a colocar em dúvida a autenticidade do documento, uma vez que ele parece citar (a linha em *itálico*, acima) um texto evangélico tardio, que só foi escrito *depois* da crucificação de Jesus. Pensa-se hoje que ele teria sido forjado entre os séculos II e III.

Ocorre, assim, com a correspondência entre Jesus e o rei Abgar, algo semelhante ao sucedido com a Carta do Senador Públio Léntulus ao Imperador Tibério, contendo um relatório das atividades do Cristo e sua descrição física. Uma das cópias mais antigas foi-nos deixada por Anselmo, arcebispo de Canterbury, morto em 1109. Anteriormente, já São João Damasceno a teria citado, em 730. Apresentada inicialmente

[8] *Apud* EUSÉBIO, Op. cit., I, 13, 11-21.

como prova histórica da real existência de Jesus, a *Epistula Lentuli* acabou sendo repudiada pelos próprios teólogos católicos como sendo tardia e espúria, e até mesmo a própria existência do senador Públio Léntulus passou a ser posta em dúvida.^[9]

O pioneirismo de Paulo de Tarso

Mas, antes mesmo que se procurasse escrever sobre a vida de Jesus e a atividade posterior de seus apóstolos, surgiu a necessidade, para o apóstolo Paulo, de orientar as comunidades cristãs por ele fundadas. Não podendo acorrer a todas elas pessoalmente, Paulo endereçou-lhes cartas onde dirimia dúvidas doutrinárias e repreendia correligionários. Não se preocupava em relatar episódios da vida de Jesus ou seus ensinamentos: concentrava-se no simples fato de que ele resuscitara, demonstrando a sobrevivência da alma humana após a morte do corpo físico. E mesmo a ressurreição de Jesus era tratada, por Paulo, de maneira diversa da que estamos acostumados: em nenhuma de suas epístolas faz referência ao túmulo vazio, nem ao fenômeno da ascensão. Para Paulo, a ressurreição é um fato espiritual e em nenhum momento ele sugere que ela envolva o retorno da vida ao cadáver.

A vida de Paulo pode ser quase toda reconstituída através dos “Atos dos Apóstolos” e de suas epístolas. Dentre os principais personagens do “Novo Testamento”, Paulo é, realmente, depois de Jesus, o que melhor conhecemos.

[9] Esse ataque contra a veracidade da *Epistula Lentuli* havia sido iniciado no século XVIII por críticos iluministas. Entretanto, ganhou forte impulso da parte de teólogos católicos depois que o médium brasileiro Francisco Cândido Xavier psicografou e publicou uma narrativa romanceada, intitulada *Há dois mil anos*, na qual o próprio senador Públio Léntulus relatava sua vida no primeiro século da Era Cristã e seu encontro pessoal com Jesus. Antes disso, os pregadores católicos mostravam até certa boa-vontade em apresentar a Carta de Léntulus como um legítimo relato acerca da existência de Jesus. Sobre o assunto, pode-se compulsar: CAMPOS, Pedro de. *Lentulus: encarnações de Emmanuel: inquirição histórica*. São Paulo: Lúmen, 2010.

Paulo nasceu em Tarso da Cilícia (*Atos XXII, 3*), entre 1 e 5 d.C., da tribo judaica de Benjamim (*Romanos XI, 1*). Como todos os habitantes de Tarso, ele tinha a cidadania romana: Paulo era, portanto um judeu da Diáspora, e, como tal, conhecia o idioma grego e, muito provavelmente, o latim, o que lhe permitiu, mais tarde, pregar aos gentios. Seu nome hebraico era Saulo (Saul). Estudou em Jerusalém com o célebre rabi Gamaliel (*Atos XXII, 3*); tornou-se então um fervoroso fariseu (*Atos XXVI, 5*; cf. *Filipenses III, 5*).

No ano 34 (ou em 36, para alguns estudiosos) iniciou-se na Judéia uma perseguição aos cristãos e, logo após o apedrejamento de Estevão (*Atos VII, 58*), Paulo foi incumbido de coordenar a repressão. Mandado pelo Sinédrio a Damasco para prender alguns dos discípulos do Cristo, acabou por encontrar-se com o próprio Jesus no caminho, convertendo-se então. (*Atos IX, 1 ss*; cf. *Atos XXII, 6 ss e XXVI, 13 ss*).

Logo após esteve durante algum tempo na Arábia (*Gálatas I, 17*), realizando, depois, sua primeira pregação em Damasco (*Gálatas I, 17*; cf. *Atos IX, 20 ss*). Isso terá se dado entre 34 e 36. Em 36 ou 37 fez a sua primeira viagem a Jerusalém depois da conversão (*Gálatas I, 18*; cf. *Atos IX, 26 ss*), onde teve contato com Pedro durante catorze dias (*Gálatas I, 18 ss*).

Esteve em Tarso, sua cidade natal, entre 37 e 42 (*Atos IX, 30*). No ano 43, foi chamado por Barnabé, judeu cipriota convertido ao cristianismo, para trabalhar na comunidade de Antioquia da Síria (*Atos XI, 25*). Em 44, os dois levaram a Jerusalém o resultado de uma coleta da comunidade de Antioquia (*Atos XI, 30*).

De Antioquia, no ano 45, Paulo partiu, junto com Barnabé e o sobrinho deste, João Marcos, (autor do evangelho que leva o seu nome) para a primeira grande viagem missionária,

que os levaria a Chipre e às províncias meridionais da Ásia menor (atual Turquia) e duraria quase três anos (*Atos* XIII, 1 – XIV, 28). Terminada essa viagem missionária, dirigiu-se, com Barnabé, à Jerusalém, para participar do Concílio Apostólico (ano 49) onde ficou decidido que ele e Barnabé se encarregariam da evangelização dos pagãos, enquanto Tiago, irmão do Senhor, Pedro e João cuidariam dos Judeus (*Gálatas* II, 9-10).

A segunda viagem missionária de Paulo foi realizada em companhia de Silas e também durou cerca de três anos: de 49 a 52 d.C. (*Atos* XV, 36 – XVIII, 22; cf. *Atos* XV, 40). O Evangelho foi introduzido, então, na Europa: Paulo exerceu atividade missionária nas cidades Macedônicas de Filipos (49-50 d.C.), Tessalônica e Beréia (50-51). Dirigiu-se, depois, à Grécia, pregando em Atenas e Corinto. Finalmente, voltou a Antioquia (51-52).

Em sua terceira viagem missionária (de 53 a 58 d.C.), Paulo contou com a colaboração de Lucas, Timóteo e Tito (*Atos* XVIII, 23 – XXI, 17). Sua mais importante parada foi em Éfeso, onde ficou de 54 a 57. Exerceu depois atividade missionária na Macedônia e na Ilíria (*Romanos* XV, 19), chegando a Corinto em 57 e 58. De Corinto partiu para Jerusalém.

Em Jerusalém, Paulo foi acusado injustamente de ter introduzido um pagão no templo e quase foi linchado (*Atos* XXI, 27 ss). Preso pelos Romanos, foi, depois, enviado para Cesaréia (*Atos* XXIII, 23 ss). Tendo apelado para César (*Atos* XXV, 11), foi enviado à Roma (*Atos* XXVII, 1 – XXVIII, 16).

Chegando a Roma por volta do ano 61, foi-lhe permitido esperar julgamento em prisão domiciliar, em casa por ele alugada. Ali recebia pessoas, pregava e escrevia. Tal situação durou dois anos (61 a 63), mas o que aconteceu depois não sabemos com certeza: a narrativa dos “Atos dos Apóstolos”